ANARQUIA, ORGANIZAÇÃO INFORMAL E INSURREIÇÃO

entrevista de alfredo bonanno
ao periódico *tierra y tempestad*
montevidéu, 25 de novembro de 2013

ANARQUIA,
ORGANIZAÇÃO INFORMAL
E INSURREIÇAO

entrevista de alfredo bonanno
ao periódico *tierra y tempestad*
montevidéu, 25 de novembro de 2013

EDIÇÕES INSURRECTAS
2020

intitulado originalmente como *entrevista alfredo maria bonanno*, o material em espanhol foi publicado em duas partes nas edições 19 e 20 do periódico *tierra y tempestad*. a entrevista foi realizada na cidade de montevidéu em 25 de novembro de 2013.

as edições do periódico podem ser baixadas em laturbaediciones.wordpress.com

traduzido e publicado em português com o nome *anarquia, organização informal e insurreição* por edições insurrectas, 2020.

este material está disponível em edicoesinsurrectas.noblogs.org

incitamos à pirataria,
odiamos a propriedade!

APRESENTAÇÃO[1]

Alfredo Maria Bonanno nasceu na cidade de Catania, Sicilia, em 1937. Aos treze anos teve seu primeiro contato com o anarquismo, encontrando um movimento totalmente polarizado. Naquela época, havia uma forte divisão entre "puristas" e "revisionistas". No primeiro grupo se concentrava a maior parte do anarquismo italiano, organizado dentro da Federação Anarquista Italiana (FAI); o segundo se constituía em torno da corrente encabeçada por Pier Carlo Masini, com rígidos apontamentos em prol de uma "unidade tática".

Frente a essa dicotomia grosseira, no interior da especificidade italiana, a maioria dos jovens optou por se separar da Gioventù Anarchica. Esses jovens voltavam seu olhar para a história do anarquismo e recorreram às práticas da organização informal e ação direta, deixando de lado o "anarquismo de laboratório" (e de salão) da FAI e o bolchevismo "libertário" dos Grupos Anarquistas de Acción Proletaria.

Retomando as práticas anárquicas e condizentes com suas teorias, a *spropriazione* logo se converteu em um meio ideal para esses núcleos autônomos de jovens, quem, mediante a ação, começavam a difundir seu ideal. Dessa forma se apropriavam dos meios necessários para editar suas publicações e também conseguiam os materiais para o ataque direto ao Estado-capital e seus representantes. Assim, entraram em contato com José Lluis Facerías, que estava refugiado na Itália com o pseudônimo de Alberto e apoiou com entusiasmo o projeto que, com seu impulso, não demorou para se concretizar como "Campeggio Anarchico

---

1 N.T. Edições Insurrectas: esta apresentação foi publicada originalmente em espanhol junto com a entrevista ao periódico *Tierra y Tempestad*. Decidimos traduzi-la para manter a íntegra do material.

Internazionale". Facerías, mesmo em teoria se assumindo anarcossindicalista e ferrenho defensor da organização centralista, na prática reivindicava a expropriação e a ação direta, e como método organizativo recomendava o grupo mínimo de afinidade. Sem dúvida, Facerías influenciou de forma determinante os jovens anarquistas italianos da década de cinquenta, entre eles Alfredo Maria Bonanno.

Alfredo foi editor das revistas *Provocazione* e *Anarchismo*, desde a década de 80; com mais de vinte volumes e uma infinidade de outras publicações, é sem duvida uma referência para o anarquismo contemporâneo. Conhecido entre nós por suas elaborações entorno do projeto insurrecionalista e suas contribuições metodológicas. Entre seus livros se destacam *Poder e contrapoder*, *A dimensão anarquista*, *Teoria e prática da insurreição*, *A destruição necessária* e *Afinidade e organização informal*. Da mesma forma, é de se frisar a ampla produção de pequenos textos, *A tensão anárquica, Outra virada do capitalismo* e *O prazer armado*. Este último foi proibido na Itália e Bonanno foi condenado a dezoito meses de prisão, acusado de *apologia à violência e subversão.*

Voltaria para a prisão em 1989 ao ser detido junto ao companheiro Pippo Stasi durante uma expropriação frustrada pela polícia a uma joalheria em Bergamo. Por volta de novembro de 1995 se inicia uma caça às bruxas contra os anarquistas. A operação repressiva foi dirigida por Antonio Marini e seria tristemente conhecida como *Processo Marini*, rebaixando os limites da infâmia. A farsa se sustentava supostamente em um texto de sua autoria chamado *A nova virada do capitalismo* no qual, segundo a acusação, se encontra a síntese do "programa fundacional" da organização insurrecionalista. O *Processo Marini* culminaria, em 20 de abril de 2004, com a condenação de onze companheiros. Bonanno foi um deles, sentenciado a seis anos de prisão por *apologia e propaganda subversiva*, entre outros delitos.

Extraído de *Vivir la Anarquia. Artículo en solidariedade com Alfredo Bonanno y Christos Stratigopoulos*. Coordinadoria Informal Anarquista Gustavo Rodrígues. México, outubro de 2009.

entrevista de alfredo bonanno
ao periódico tierra y tempestad

montevidéu, 25 de novembro de 2013

-Alfredo, o que é a anarquia para você?

Essa é uma boa pergunta, não sei o que é a anarquia. Eu penso que é uma tensão, uma aspiração, um ideal, como a revolução anárquica. Eu não sei o que é a revolução… É um processo, uma tentativa, não é uma coisa que está em um lugar preciso, que podemos ir e ver, medir. A anarquia como a revolução anárquica não tem medida, não tem um ponto de referência histórico, não é que na Espanha de 1936 tenha havido anarquia, não é verdade, ou na Ucrânia, no México... são tentativas de aproximação. Para mim a anarquia seria a ausência do princípio supremo, do *Arqué*, ausência de domínio, de poder, ausência total; quem pode alcançar a ausência total de poder? Como pode alcançar? Podemos nos aproximar, buscando contribuir com a construção de uma sociedade melhor em relação a que temos hoje. Não é que isso seja anarquia, seria uma forma de poder diferente contra o qual anarquistas lutarão em nome da anarquia, então evidentemente isso não é anarquia.

- E a revolução anarquista?

É preciso ver se para você é a mesma coisa que anarquia, pelo que dissemos antes, ou se talvez tenha alguma coisa diferente, ou se chamamos de revolução anárquica a um processo organizativo que se aproxime da destruição do poder. Se dizemos somente revolução, é um processo, mas não é um processo necessariamente

de destruição do poder, pode significar a construção de um poder inclusive pior. Em uma época se dizia revolução social em vez de revolução anárquica, pelo menos na Europa, e havia inclusive uma revista de Kropotkin que se chamava *Revolução Social*. Contudo, falar hoje de revolução social é muito equivocado, é melhor falar de revolução anárquica, sempre como um projeto, não como uma coisa precisa que está aqui ou ali; sempre como um processo, sempre é uma realização parcial, nós lutamos pela revolução anárquica, mas o que realizamos não é a revolução anárquica; ela vem depois, então começamos novamente… e o que fazem os anarquistas? Sempre estão começando de novo. Muitos companheiros têm medo disso, de estar começando sempre novamente... como é possível que nós lutemos somente para ter de começar de novo? É possível que os anarquistas estejam destinamos a viver somente da luta? Me parece que sim, não sei, a menos que as pessoas queiram se converter em presidente da república, pode ser…

-Como você se define? Um anárquico, um insurrecionalista... o que significa isso?

Sou anarquista, sobre o insurrecionalista é preciso ver, não é minha definição, é dos jornais, usam essa definição em todo o mundo, em todos os lados, da Islândia até as Filipinas, da Bielorrússia até América Latina; com nossa força não podemos fazer nada, todos falam de anarquismo insurrecionalista, veja que a mesma coisa aconteceu com os niilistas russos na segunda metade de 1800, eles não se chamavam de niilistas, foram os jornais que os chamaram assim e ao final eles mesmos terminaram aderindo ao termo e não se pode fazer nada quanto a isso.

Falar de insurreição é uma coisa e fazer a insurreição é outra, são coisas distintas… se nós nos limitamos a falar de insurreição terminamos como os jornalistas, fazemos conversas, bate-papos sobre a insurreição… Podemos realizar a insurreição? Os anarquistas podem realizar a insurreição? Não, não mais do que podem fazer a revolução; não é que os anarquistas lutando fazem a revolução, a

revolução ou a insurreição é um processo, se desenrola de acordo com certas transformações do capital, do poder. O que nós podemos fazer é o projeto insurrecional, é uma coisa muito menor, que tem a ver com a insurreição até certo ponto, mas não é a insurreição... Portanto, o erro dos jornais, de certos críticos, como [Miguel] Amorós – este companheiro espanhol -, é que falam de insurrecionalismo, quando nós não falamos de insurrecionalismo como se fosse uma ideologia, mas como um projeto de insurreição, é outra coisa. Entendem? Não sabemos o que é a insurreição, quando a olhamos dizemos "ótimo". Mas, além disso, a insurreição te causa um pouco de medo, pois não se sabe como fazer se não tem um projeto anterior. Vi certas situações nas quais algumas pessoas se animam e você, com toda sua prática, toda sua experiência, pensa "e eu, que merda eu faço agora?". E a gente tem medo, porque se sente estranho, porque na potência do processo insurrecional ou revolucionário nós somos estranhos; ou somos estranhos, e se não somos estranhos e estamos com os demais, nos arrastamos pelo processo, como se estivéssemos nadando no mar ou no rio, nos deixamos levar, mas e o *nosso projeto*?

-Poderia explicar rapidamente no que consiste o projeto insurrecional?

O projeto insurrecional evidentemente tem a ver com um conhecimento da realidade, um conhecimento da situação na qual nos encontramos. Por exemplo, vocês são uruguaios, trabalham no Uruguai, conhecem os elementos da atual situação no Uruguai e também as relações internacionais do capitalismo sobre a situação uruguaia, algo que somente vocês podem fazer. Porque no estado atual no qual vivemos, o que acontece na China tem consequências no Uruguai. As transformações do capital são globais

Então saber isso é importante para poder definir o projeto insurrecional. Mas isso, preste atenção, o momento, as ações de grupos de afinidade, o estudo e o aprofundamento, encontrar os meios para as ações, não é uma coisa simples. Isso constitui, em linhas gerais, o projeto insurrecional.

E ao mesmo tempo faz paete do projeto estarmos atentos à possibilidade de um processo insurrecional, ao que está acontecendo e inclusive as coisas que parecem pouco importantes; transformações do poder do ponto de vista político, por exemplo, um poder mais ou menos repressivo, um poder mais social democrata, a desaparição ou o retorno de velhas formas de gestão social democrata, como o Partido Comunista (PC).

Aqui ainda existe o PC e é obviamente um sinal de atraso – ele vem desaparecendo em todo o mundo, desaparecerá até na China. Isso quer dizer que o Uruguai, desde o ponto de vista da gestão global, é um país mais atrasado. Terá que desaparece o PC, não é um elemento da luta política inserida na gestão global do capital. Isso tem a ver com o projeto insurrecional, a pergunta *porque o PC está no Uruguai?*

Agora, o projeto insurrecional não é somente o estudo da situação na qual você se encontra, mas também a situação política. Não é suficiente que os anarquistas se declarem contra a política, têm também de saber o que é a política, quem são os inimigos, como se organizam; têm de saber como se estrutura o exército, o que significa o exército... não é porque nós estamos contra as armas, contra a violência, que não nos interessa nada sobre o exército; sim, nos interessa. Isso é parte do projeto insurrecional. É algo muito complexo, muito articulado. Muitos companheiros pensam que se trata somente de conversar um pouco e não é verdade. Estamos falando de insurreição para ver qual é a relação entre processo e projeto. Mas em efeito o projeto fala pouco do processo insurrecional. O que pode dizer do processo? Pouco. Mas muito se pode dizer da gestão do poder, de como está estruturado o poder. Por qual motivo existe essa estrutura no Uruguai? Por qual motivo ocorre esta “linda” recuperação mais do que na Europa? “Vamos todos juntos, caminhemos juntos”. É um tipo de poder político que no Uruguai explicita a precariedade, a instabilidade desse tipo de gestão e exige recuperação e colaboração para acontecer. Não é que o PC do Uruguai não se dê conta de que mente, não existe como força política, se dá conta disso e por isso chama as pessoas para que elas colaborem. O PC já chamou alguém

alguma vez para colaborar? Não, o que faz é dominar, sempre buscou dividir e não colaborar. O conceito de colaboração, de solidariedade, é estranho ao PC, mas aqui fazem isso porque se sentem fracos. Eu insisto sempre com os companheiros: o projeto insurrecional implica em uma análise política da situação; pois durante o caminho tudo parece diferente, não se sabe o que existe por trás; tudo se resolve na polícia, porém atrás da polícia existem muitas coisas. Se não estuda antes, não saberá o que existe por trás.

-Com uma teoria insurrecional não se gera um novo "ismo", que pode deter um processo tão dinâmico como é o processo insurrecional?

De fato é isso que estamos dizendo, o que os jornais estão fazendo. Porque os jornais de todo o mundo falam de insurrecionalismo? Para deter, frear essas tentativas de companheiros de se organizar de maneira diferente. Para dizer "esses são *terroristas*". Qualquer "ismo" é perigoso, pois é como uma camisa de fora que fecha, aperta a realidade. A realidade é vida, é movimento, é mudança permanente. O que isso tem a ver com "ismo"? Pouco. Mas não vem de nós esse "ismo", vem dos jornais, vem das tentativas de criminalizar. Se nós tivéssemos falado desde o primeiro momento de anarquismo insurrecionalista estaríamos sendo uns imbecis. Já que não somos imbecis, não dissemos. Os que falam assim são os jornalistas e os teóricos (mais ou menos), chamemos assim, falam de insurrecionalismo e de ideologias insurrecionalistas. Tratam de se distanciar, "nós não temos nada a ver com eles, essa gente que coloca bombas, pessoas perigosas… Bonanno é um que antes entrava e saia dos banco com uma pistola". (E não é tão fácil entrar e sair armado). Eles fazem isso para mostrar o mal e o perigo que somos.

-Para você, o que é grupo de afinidade? Qual é sua importância no processo insurrecional?

O grupo de afinidade é um vínculo entre companheiros muito difícil de definir. De toda forma, não é certamente uma relação afetiva, não é uma relação de amor, não é uma relação de simples conhecimento, não é uma amizade, não é todas essas coisas, é outra. Defini-lo não é fácil. É conhecimento, é profundidade; experimentar algo juntos; também pequenas coisas, também tratar de recorrer situações para ver como o outro reage, observá-lo na vida de todos os dias, como se comporta. Porque é inútil que façamos um discurso "musculoso" e tratamos de parecer fortes, e depois, quando uma pequena coisa, quando pela rua aparece alguém que faz "*BUH*!" e eu me assusto e saio correndo. Então você diz "que discurso você fez agora?". São muitas as ocasiões das quais se precisa utilizar para estudar, aprofundar e recorrer para se ter afinidade. Da mesma maneira, na mesma situação, se ao invés de correr eu começo a atirar ou a fazer coisas excessivas, também não é bom. Escapar ou fazer algo excessivo é o mesmo. Encontrar o controle de si mesmo é a essência fundamental da relação de afinidade. É preciso confiar no outro. Nesses casos você pensa que o outro se comporta de maneira precisa, quer dizer, nem com muito medo e nem excessivamente, pois as duas coisas são ruins. Nos processos insurrecionais os grupos têm a função de saber o que fazer de diferente do geral. Portanto, o processo se move em um determinado sentido, os grupos tratam de ter um projeto ligeiramente diferente. Porque não está dito que o processo que se move saiba o que se deve fazer. As vezes os processos revolucionários, insurrecionais, tem uma natureza extremamente violenta (as pessoas quebram tudo porque justamente reagem de maneira violenta à repressão, aos séculos de miséria, pobreza, sofrimento, dor e tudo isso explode). O revolucionário anarquista, que faz parte de grupos de afinidade, deve saber o que fazer, pois se não ele também explode... Por exemplo, quando em 1936 houve na Espanha a tomada de poder fascista, os companheiros anarquista pegaram em armas, pois

sabiam onde elas estavam. Não é uma casualidade que [Francisco] Ascaso tenha morrido em frente a um quartel, pois estava tomando as armas. Porque se não se tomam as armas dos soldados, o que as pessoas fazem? Quebram tudo, mas sem as armas não se pode fazer nada. Logo, houveram todos os erros sucessivos na revolução espanhola… Mas os companheiros espanhóis agiram de modo consciente, sabiam até onde ir, não indo a reboque das pessoas, mas sabiam onde pegar as coisas necessárias para fazerem a revolução.

-O projeto insurrecional busca somente enfraquecer o poder? Atacar para enfraquecê-lo? Apenas isso?

Provavelmente esse é um dos objetivos. Princípio da guerrilha: se você ataca em diferentes lugares, não somente aonde se move o processo insurrecional, mas também onde o processo não se move, enfraquece o poder e permite um crescimento, dá indicações para o crescimento do processo insurrecional. Além disso, fornece meios aos companheiros, portanto aos grupos de afinidade que estão no processo, mas que têm um projeto em mente; fornece a eles meios, ideias etc., que podem transmitir aos demais. Por exemplo, se você pensa, um processo insurrecional pode começar com uma manifestação, como poderia ser a manifestação dos 100 mil em Atenas por conta da morte de Alex [Alexandros Grigoropoulos, jovem anarquista assassinado pela polícia grega em 2008]. Agora, 100 mil pessoas é muita gente. Tomados um por um, sabem o que estão fazendo? Não, não sabem. Sabem que estão revoltados. E não é o suficiente. O projeto é algo de poucos companheiros conscientes do que fazer pois estudaram antes, aprenderam a nadar andes. Não é que nadam, aprendem a nadar na manifestação. Sabem para onde ir, sabem o que fazer. Isso contribui para enfraquecer o poder por um lado, pois se o poder diz “esses querem atacar o parlamento”, se colocam todos em frente ao local e tudo acaba ai. Se em vez disso o poder vê que existem centenas de ataques diferentes em toda a cidade, perguntam: “o que devemos fazer?”. Não sabem. A explosão de raiva do processo insurrecional toma outro caminho, se expande. Entende a enorme diferença de uma coisa deste tipo? O que teria

acontecido em Atenas se houvessem 500 anarquistas capazes de fazer ações em grupos separados por toda a cidade? O que teria acontecido com esses 100 mil? Eles destruiriam toda a cidade. Não há duvida quanto a isso.

-O que é a organização informal?

A organização informal é, antes de tudo, informal, ou seja, não é fixa, não dura no tempo, não tem uma sigla, pois é justamente livre de forma e é reconstruída a cada vez para alcançar um objetivo, para atacar um objetivo bastante importante, significativo e grande, porque um grupo de afinidade que normalmente é constituído por poucos companheiros não pode fazer sozinho. Então mais grupos de afinidade se juntam e constituem uma organização informal para alcançar esse objetivo. Contudo, essa organização informal, que dura até atacar esse alvo, logo se dissolve. Portanto, não é a Federação Anarquista Informal; aqui o informal é teórico, mas na realidade colocamos assinatura. Uma organização informal não pode ter assinatura. E por qual motivo? Porque não tem um objetivo quantitativo, não busca pegar as pessoas e ingressá-las, não pensa desse modo. Somente tem um objetivo, mas que poderia ser um objetivo que prejudica os interesses de uma parte das pessoas. Por exemplo, aqui no Uruguai onde a mineração destrói uma certa região, eu não sei onde se encontra, portanto é uma quantidade limitada de pessoas, não sei. Então essas pessoas, que não são anarquistas, podem ser envolvidas na luta contra esse objetivo por parte dessa organização informal, ou seja, por esses grupos de afinidade. A organização informal, nesse caso, tem de falar com essas pessoas, mas não para que se tornem anarquistas. Não tem de falar enquanto anarquistas, mas como alguém que, mesmo sendo anarquista, não quer fazer que se tornem anarquistas e sim colaborar com elas para destruir esse alvo. Essas pessoas podem se organizar elas mesmas com ajuda de anarquistas, definindo núcleos de base, ou seja, organizações de base que, chamem como quiser, não são constituídas por anarquistas, mas têm a presença de

anarquistas. Porque as pessoas não querem se tornar anarquistas para destruir a mineração.

-Você diz que o método de ataque, para ser anarquista, tem de ser simples e reproduzível. Quando o objetivo é mais complexo e se forma uma organização informal, não deixa de ser, então, um objetivo simples e reproduzível?

Estamos falando de duas coisas diferentes. Porque o objetivo simples e reproduzível é quando o ataque é do grupo, enquanto o objetivo mais complexo, no qual está a organização informal, parece simples, mas é bem complexo. São duas coisas diferentes. Essa é uma luta específica, é uma luta de grupos de afinidade. A luta dos grupos de afinidade, o ataque, tem de ser reproduzível. O ataque da organização informal dura certo tempo, é também reproduzível, mas em seu conjunto se trata de algo extremamente complicado. Se pode ver como modelo, como método anarquista da destruição, como método para debater com as pessoas, tentativas de criar grupos de afinidade, que são parte da organização informal e que intervém para fazer algumas coisas que as outras não podem fazer. Utilizam alguns métodos, como falávamos antes (meios de comunicação inflam esses métodos), dos grupos de afinidade e que, portanto, também são parte da organização informal, porém as pessoas não os têm. O dever dos anarquistas, da organização informal, é o de realizar ações relativas a esses objetivos que as pessoas não podem realizar, mas que não sejam ações assustadoras para as pessoas. E que sejam também coordenadas com o que elas dizem e sentem efetivamente. Porque o objetivo é das pessoas, a mineração prejudica as pessoas, não prejudica os anarquistas. Os anarquistas estão colaborando com elas.

-Então existe dois tipos de ataque? Os que são realizados pelos grupos de afinidade...

...os simples e reproduzíveis, e os que são uma coisa mais complexa. Tanto é que uma organização informal requer a união de mais grupos de afinidade.

-E esses ataques da organização informal não podem assustar as pessoas...

...como ações específicas realizadas por grupos de afinidade que são parte da organização informal; fazem coisas que é preciso saber fazer, pois se são demasiado grandes e importantes, assustam as pessoas. Depois os jornais escrevem "esses são *terroristas*" e as pessoas se assustam. Tem de ser importantes mas não muito. Estamos falando de outro tipo de situações, que se chama luta intermediária ou luta específica; é uma situação diferente na qual existe a necessidade de uma organização maior que a informal. Contudo, o que é preciso fazer, deve ser feito com a cabeça, pensado.

-Como se pode generalizar uma luta particular?

Não sei, pois isso é o sonho de todo anarquista. Nós realizamos uma luta limitada, circunscrita, mas tem de ser limpa quanto ao método. É o método que se generaliza, não a luta. O que nós tratamos de generalizar é o método. Agora, se o método é confuso, que merda se generaliza? Como se faz para generalizar uma luta? Não existe mineração aqui em Montevidéu, portanto como generalizar a luta contra a mineração em Montevidéu? Mas se pode generalizar o método, então ele deve ser limpo.

-Existe uma necessidade, pelo menos a primeira vista, de que existam espaços mais estáveis e organizados, onde os companheiros possam se conhecer e se vincular e logo formar grupos de afinidade?

Não são duas coisas ligadas entre si. Os espaços autogestionados, não os espaços liberados (na realidade não existem espaços liberados, isso é conversa fiada dos marxistas), os espaços onde os companheiros se encontram são importantes… Vocês tem esse centro, (...) são espaços importantes, pois os companheiros se encontram, provavelmente os grupos de afinidade podem surgir a partir de quem se encontra ali; provavelmente, não é garantido. Porque também podem se encontrar pela rua. Em qualquer caso, todos os processos de conhecimento e aprofundamento que requer o desenvolvimento da afinidade… alguns, a maioria desses processos, não se podem dar nos grupos anarquistas; é preciso realizá-los nas ruas, porque nos grupos se fala, se discute, e a maioria destes processos não são bate-papos, são coisas que devem ser feitas.

-O que são as armas para os anarquistas?

As armas são uma besta feia. Mas são instrumentos. Além disso, todos os Estados proíbem o uso de armas porque não podem permitir que os cidadãos as usem; quando permitido, como nos Estados Unidos, é necessária uma autorização. Nos Estados Unidos há uma grande difusão de armas, mas todas elas são registradas. A arma em si, como um objeto, é algo que me perturba, mas percebo que o conhecimento de armas, não todas, mas algumas, é essencial. E não é uma coisa fácil de resolver. Porque o Estado sabe bem o quão perigosa uma arma pode ser nas mãos dos revolucionários. Então proíbe sua posse, pois se você não a possui não poderá aprender a usar. Isso sem a necessidade de sacralizá-la e transformá-la em um mito. A pistola é um objeto asqueroso. Assim como o punhal. Se você tem punhal e não sabe como usá-lo, é inútil; você

deve saber como se usa um punhal. Não se empunha *assim*, mas *assim*. Se alguém não sabe o que fazer, deve descobrir como se faz.

-Tua proposta, que é diferente de outras de organização informal, como por exemplo da Federação Anarquista Informal....

A diferença consiste no fato de que a Federação Anarquista Informal não é informal. É uma organização fechada. Como qualquer outra organização fechada.

-Além do fato de que há companheiros que não se conhecem, que estão em diferentes países, que é uma sigla para...

Mas a sigla é o problema. Porque a sigla denuncia o objetivo quantitativo, de crescimento quantitativo dos companheiros, da organização informal. Agora, a organização informal não deve ter como objetivo o crescimento quantitativo, pois é a soma dos grupos de afinidade; portanto, os que devem crescer são os grupos de afinidade, não a organização informal. Qual a necessidade de uma organização informal ter uma sigla? Como os grupos de afinidade não possuem um sigla, o crescimento quantitativo ocorre por meio do conhecimento, da construção de novos grupos informais, que podem ou não entrar na organização informal, como grupos, não como indivíduos. O crescimento da organização informal não faz sentido, parece que para crescer necessita de um ponto de referência, pois, caso contrário, como fazer para saber? O ponto de referência é uma sigla. A sigla é uma coisa formal. É inútil que te definas *informal* se já está formalizado. Essa é a contradição. Muitos companheiros se deixam fascinar por tantos discursos, alguns dos quais são um pouco, digamos, excessivos.

-Que coisas são excessivas?

Tantos discursos sobre o fato de destruir o mundo são um tanto excessivos. A organização informal pode fazer certas coisas, mas

não pode destruir o mundo. As coisas que pode fazer se referem a um objetivo específico, podem destruir a mineração, não podem destruir todo o Uruguai, é impossível. Além disso, muitos companheiros, especialmente os jovens, se deixam fascinar por grandes palavras, pelas atitudes fortes, mas a contradição sempre existe.

-Qual sua opinião sobre teorias e táticas do Poder Popular?

Não é uma resposta fácil, em primeiro lugar porque não conheço muito sobre elas.

-Não existem na Europa?

Que eu saiba não. Mas penso uma coisa, como ignorante, que a palavra poder me assusta.

-Qual a tua opinião sobre as teorias anti desenvolvimentistas (combater o avanço do desenvolvimento capitalista)? São compatíveis com os grupos de afinidade, a organização informal, o projeto anarquista insurrecional?

Deveria conhecer esse projeto. Não conheço muito esse conceito. São as teorias de [Miguel] Amorós?

-Por exemplo.

Não as conheço, não sei o que te dizer. Sobre a questão da tecnologia posso falar. Sobre a questão de combater contra o desenvolvimento do capital, seria melhor um capital menos desenvolvido.

-O capital tem de se expandir o tempo todo; então você ataca os lugares onde ele está se desenvolvendo. No caso do Uruguai, por exemplo, onde se expande o capital? Com as novas infraestruturas, com o gasoduto, são lugares onde o capital se expande para sobreviver. Os caras dizem que se deve atacar não o capitalismo já funcionando, mas as partes novas onde ele se expande para sobreviver. A questão é se isso é compatível com a luta dos grupos de afinidade.

Quer dizer, se trata de ataque aos processos de desenvolvimento do capital e não ao capital?

-Sim, aos novos desenvolvimentos, por exemplo.

Não sei, não vejo diferença, mas posso não ter entendido.

-É uma escolha de objetivos de ataque. Por exemplo, antes de um quartel, se ataca.... a obra de construção de um gasoduto.

O capital é um processo. Não tem parte mais atrasada e outra mais avançada. Ou seja, tem certamente uma zona mais atrasada e uma mais avançada, mas, já que o processo é globalizante, a parte mais atrasada está compreendida na parte mais avançada. Em determinados aspectos, a situação do Uruguai está mais atrasada que a Suécia, Suíça ou Alemanha desde o ponto de vista da gestão do capital. Alguns processos de gestão que são normais na Alemanha seriam estranhos no Uruguai. Isso não quer dizer que não exista relação entre o capital alemão e o uruguaio. Há uma relação a nível mundial que gere duas partes diferentes. Não sei se estamos falando disso.

-Acho que não...

Em que momento você se tornou anarquista? Em qual contexto?

Eu venho da luta contra Deus, digamos, do ateísmo. Desde pequeno, pois venho de uma escola de padres. Conheci os anarquistas através do ateísmo.

-Em que ano?

60, 61... 58, 59... A anarquia é linda, mas eu não gosto dos anarquistas. E o que os anarquistas escrevem eu também não gosto. Então comecei a escrever eu mesmo livros anarquistas. É por isso que não leio livros anarquistas.

-Que livros anarquistas começou a escrever?

Luta e poder. Depois *O prazer armado.*

-Conte um pouco de sua experiência quando escreveu *O prazer armado*. O contexto e qual foi o impacto no movimento anarquista e também na sociedade.

Esse é um texto amplamente distribuído em todo o mundo. Quando o escrevi, era 77. Escrevi em poucos dias para levá-lo à Bolonha, onde houve uma reunião de três dias com a participação de 150 mil companheiros de todo o mundo e foi um evento importante. Numa época em que na Itália houve uma mudança nas estruturas armadas e na ação. 77 foi um ano de mudanças. É um pouco complicado explicar a situação italiana. De qualquer forma, naqueles dias, 5 mil cópias de *O prazer armado* foram vendidas diretamente. O que não significa nada, porque, com 100 mil pessoas, 5 mil cópias não são muitas. Mas se tivéssemos 20 mil, 20 mil teriam sido vendidos. O texto respondeu ao sentimento dos companheiros que estavam presentes.

No entanto, a experiência mais importante desses três dias, para mim, foi a seguinte: vi como um pequeno pedaço de papel pode desencadear uma situação revolucionária... um pedaço de papel. Não escrevi sozinho, mas com outro companheiro.

Bolonha é uma cidade circular, com uma estrutura medieval, a cidade é redonda; havia 150 mil companheiros, e a população, as lojas fechadas, não havia bonde, não havia nada, a cidade inteira estava bloqueada, não havia um único policial, nenhum. Mais tarde descobrimos que a cidade estava cercada pela polícia, mas a polícia estava cercada pelos trabalhadores do Partido Comunista, que vieram de toda a Emília. Bolonha é a capital da Emília, uma região da Itália. Nós não sabíamos disso. Não havia polícia, isso nós sabíamos. Então os líderes do movimento comunista e os extra-parlamentares, os autônomos, também estava a *Ação Revolucionária*, havia todas as estruturas armadas... todos eles estavam armados. Os dirigentes haviam sugerido que, após esses três dias, em vez de destruir toda a cidade, algo possível de acontecer, uma manifestação deveria ser realizada desde a praça onde fica a universidade até uma outra praça enorme, onde estava um *palhaço*, um futuro ganhador do Nobel chamado Dario Fo, que fazia um espetáculo. Então o projeto foi o seguinte: recuperar 150 mil pessoas, das quais pelo menos 30 mil estavam armadas, e levá-las para ver o *palhaço*. Nós havíamos pedido à universidade uma sala, um local e fizemos, não eu, outro companheiro, um comunicado que dizia que quem não estivesse de acordo com a manifestação se encontraria na sala. Nós pensamos, cem companheiros, trezentos. Nos deram uma sala para mil. Vieram 25 mil… um pedaço de papel. Tiveram de montar correndo todos os microfones, pois estava a sala, a sala ao lado, a rua, a praça. A proposta contida no pequeno pedaço de papel era: “quem não está de acordo com a manifestação de encerramento desses três dias, nos encontraremos em tal lugar na universidade”. Não havia ninguém que deixasse falar, porque talvez estivessem alguns dos dirigentes, mas eram calados por assobios. Só me deixaram falar. E qual era a proposta? Vamos dar um passo atrás para entender a proposta. O Partido Comunista queria demonstrar ser capaz de governar a Itália. Então o que fez? “Nós, com 150 mil pessoas de

esquerda, autorizamos o cardeal a fazer uma missa com os fascistas na praça principal da cidade". O cardeal e os fascistas estavam rodeados pelos paraquedistas da Folgore, um corpo especial armado do exército que defendia essa praça. Não havia polícia, estavam os fascistas na praça e 150 mil pessoas que passavam a 300 metros. Nossa proposta qual era? Quem não estiver de acordo, rompe a manifestação e ataca a praça, atacamos os fascistas. Isso estava escrito em um pedaço de papel. Mas, já que eu tinha de falar, a responsabilidade de deixar morrer 50 pessoas era minha e eu não tive coragem. Eu disse que não. Falei, não poderia não falar. Eu estava de acordo com atacar a praça, mas não podia assumir a responsabilidade. Se tivéssemos tido uma estrutura constituída por grupos de afinidade e tivéssemos podido discutir juntos antes, com um projeto insurrecional... aqui o mais importante. De onde vem essa conversa que estamos tendo? De experiências assim. Se não, eu seria um cretino que diria "atacamos". Eu não sou um general do exército, sou um companheiro. Como faço para dizer "atacamos"? Obvio, poderíamos dizer "atacamos", mas quantas pessoas morreriam? Se no lugar tivéssemos um projeto, se tivéssemos com mais grupos de afinidade, a coisa teria sido diferente.

-Como seria diferente?

Seria diferente porque teríamos discutido isso antes. Se tivéssemos estudado as diferentes ruas. Eu não conheço Bolonha. Você sabe como é horrível estar em uma situação dessas em uma cidade que você não conhece. Conheço Bolonha, mas apenas as ruas principais. Eu não sabia de onde poderíamos chegar, quais estratégias usar, onde colocar essas pessoas, o acesso às casas, você entende? Que merda fazemos? Eu não sei. Desde o momento em que fizemos o folheto até quando 25 mil pessoas se reuniram, duas horas se passaram. Em duas horas, o que diabos você faz? Eu não assumo essa responsabilidade. Neste caso, estamos pagando as consequências de não ter um projeto insurrecional organizado antes, com uma estrutura de grupos de afinidade que funcionam e com os quais poderíamos atacar. Não tenho coragem de enviar 20

mil pessoas para serem massacradas. Estamos loucos? Essa é a experiência de *O prazer armado*. Não digo que ele tenha movido essas 25 mil pessoas, elas se aproximaram por um pedaço de papel. Não estava escrito *Bonanno*, estava escrito *os anarquistas*.

-E o prazer armado causou o mesmo? Fez com que muita gente se perguntasse uma série de coisas? Porque o paralelo?

Foi a mesma situação. Os mesmos três dias. Esses companheiros compraram 5 mil cópias de *O prazer armado*. Não sei se existe relação. Estou dizendo que naquele momento, no momento em que este livro foi publicado, quando todas as cópias que tínhamos foram distribuídas, naquele momento aconteceu essa experiência que foi produzida por um pedaço de papel. Para mim, é uma coisa extraordinária. Se vê que quando existe um fato revolucionário não são necessários grandes meios. Quando a revolução francesa eclodiu, Demoulins subiu numa cadeira para dizer quatro palavras. Não são necessárias grandes coisas porque a situação está madura. Você entende? Também não é o pedaço de papel, é a situação, é o processo que está maduro, não o projeto, que também não estava lá e teria sido o mesmo. Havia o projeto e havia o processo.

-O que pensa hoje sobre *O prazer armado*?

É um livro velho. Para mim é um belo livro, que reli ultimamente, e nunca leio meus livros, não gosto de lê-los. Mas reli, pois me perguntava: porque seguem imprimindo? Por qual razão. Não sei.

-Companheira presente: tem um lindo título.

O título é a metade do livro. Rompe os dois terços dele. É um livro lindo ainda hoje. Não é somente uma questão de meios e de reflexões, é também uma questão de coração.

-Você fala deste prazer armado... e toda essa questão da luta armada para nós anarquistas, não é algo que tenhamos uma necessidade. Parece algo similar. O prazer armado e a luta armada

Para mim não é algo similar.

-Parece similar, mas pode ser uma algo antitético.

É algo antitético… pode ser uma confusão proposital.

-Uma provocação?

Não propriamente… eu me encontrei em situações de enfrentamentos armados e pensava, quando mais jovem, que era portador da liberdade. Dizer "eu sou anarquista, portanto eu sou a liberdade", não é verdade. Se estamos em um lugar de enfrentamento, onde se utilizam armas, lamentavelmente a liberdade está longe. Mas é preciso fazer coisas que muitas vezes pouco tem a ver com a liberdade. Essas coisas podem ser feitas com prazer… tenho minhas dúvidas. Se é possível fazer com prazer, seria um passo a frente. Mas nem sempre se pode fazer com prazer. As vezes se é obrigado a fazê-las.

Recentemente foi colocado esse problema por jornalistas, porque houve um infortúnio em uma reivindicação que uns companheiros haviam escrito algo que poderia ter sido evitado, algo sobre o prazer. Então os jornalistas fizeram uma conexão. Mas eu não me referia a isso, não é que se você empunha uma pistola, faz isso com prazer. Não. O prazer está no projeto armado, deveria entrar no projeto armado, pois contribui com a liberação. Esse deveria ser o prazer. Não empunhar uma pistola. A pistola sempre é uma coisa bem mais dolorosa. Que ninguém sinta prazer por empunhar uma pistola…. Seria um pistoleiro. É diferente.

-Você passou pela prisão em várias ocasiões. Pode contar algo, como foi a relação entre companheiro dentro e fora da prisão, a solidariedade, a repressão...

Completei mais ou menos 15 anos de cárcere no total. Conheci 100 prisões, 101 ou 99, e poucos companheiros na prisão, porque me colocam sempre em isolamento, a não ser na experiência na Grécia, que foi bastante particular. Na Itália não conheci muitos companheiros porque sempre fui mantido separado. Os companheiros que conheci são companheiros como os demais. Não havia uma situação particular pela qual estávamos na prisão.

-E o desenrolar da situação na prisão?

Ah, você diz a luta na prisão.

-Não. Por qual motivo você *caiu* [foi pego], sempre por assaltos etc.? Como foi?

Porque nós cometemos erros. Os assaltos, está tudo bem se falarmos de assaltos. Ou ações. Em uma ação, você decide o momento, como, onde, quando, a polícia nunca deve saber. Mas, colocando uma probabilidade de 90% a seu favor, se você cometer um erro, ela reduz para 70, se você faz dois, reduz para 30, se você faz 3, reduz para 0. É necessário não cometer erros. Infelizmente erros sempre são cometidos. Porque há uma coisa que você não poderia imaginar. Este discurso é importante, mesmo que não esteja relacionado.

-Você *caiu* sempre pelo mesmo motivo?

Não. As primeiras condenações foram por coisas escritas. Uma vez fui condenado a um ano e oito meses por ter escrito como se derruba uma torre de alta tensão. Isso evidentemente incomodou,

pois na Itália, em 9 anos foram derrubadas 1200 torres. Também por outras razões, artigos de opinião em jornais. Agora o delito de opinião se despenalizou, porque com Berlusconi… ele é mais "bonzinho". No *Processo Marini* me condenaram por assalto e propaganda subversiva. Duas condenações. Uma em suspenso, que durante dois anos eu não pude fazer nada se não ficaria 10 anos preso. Basicamente delitos de opinião e assaltos.

-Qual foi o processo mais longo?

O *Processo Marini*. Havia uns 80 companheiros, também ligados com outros processos, como o de Parma, o maior e mais complexo. Normalmente por assalto são 4 ou 5 anos. Na Itália não é muito alta a pena. Na Grécia é maior. Lá, Christos foi condenado a 8 anos e 9 meses, pode chegar a 12 com agravantes.

-Qual é a tua perspectiva de luta anarquista insurrecionalista hoje na Europa?

Na Europa? Não é fácil. Não sei. Para mim nós cometemos um erro gravíssimo, os anarquistas, há 10-12 anos atrás, quando renunciamos – eu pessoalmente não, mas muitos outros companheiros sim – à perspectiva de uma organização internacional anarquista, insurrecionalista, informal. A proposta era a de unir mais estruturas informais de luta do que no Mediterrâneo, muito antes da insurreição do NO TAV, que já tem 15 anos.

-Escrita por Constantino Cavalieri?

Eu escrevi e ele publicou.

[A companheira de Alfredo diz que Constantino contribuiu para banir…]

Não importa quem escreveu. De todas as formas a responsabilidade de banir foi de muitos, também do Estado.

[A companheira de Alfredo remarca a atuação de Constantino em um encontro em Velletri, próximo à Roma, no qual se falava do FIES, que não tinha nada a ver]

Eu fiz a proposta quando fomos à Grécia, em 93, durante uma série de conferências.

-E isso não seria institucionalizar a informalidade?

Não, é institucionalizar uma relação internacional. Manter dentro de certos limites de relação internacional. Quer dizer, os companheiros trocam informação. Não é uma organização de luta, mas de informação. São feitas reuniões periódicas, se troca informação e cada organização e grupo de afinidade decide como utilizar essas informações. Teria sido um grande instrumento se estivesse funcionando. Não de luta, de conhecimento para desenvolver lutas. É algo formalizado, mas somente para o intercambio de informações; esse teria sido um instrumento de perspectiva, mas agora não existe e não parece que haja grandes possibilidades de luta. Há situações locais, na Itália existem duas ou três, há uma em Bruxelas. Mas, por exemplo, não é possível fazer nada em Amsterdã, onde existem situações muito pacificadas, ou é muito difícil fazer algo em Paris, onde a situação é extremamente dispersa. Estão muito isolados entre si, não há relações entre eles, a não ser de fazer conversas coletivas. Isso não quer dizer nada, pois Paris é uma cidade sempre surpreendente. Fazer previsões é sempre ruim porque se espera que a realidade contradiga o que foi previsto.

-E Itália e Grécia?

Na Grécia é um pouco diferente. Na Itália a coisa está bastante pacificada.

-Pela repressão?

Não é particularmente feroz.

-E por qual motivo?

Porque está em uma fase de assentamento social democrata. A esquerda está explicitamente desaparecida e a direita não existe mais, portanto têm de encontrar um novo caminho, como aquele de de que "todos nos amamos". Mas não são muito inteligentes para fazer esse discurso. Porém, dirá que não são tão estúpidos, como para recorrer somente à repressão. Estão no meio da caminho, como todas as coisas feitas na Itália. Nem carne nem peixe, nem macho nem fêmea, nem branco nem preto…. está sempre no meio. É uma nação cinza, sempre foi uma nação que nunca pôde dar sinais de si mesma… com todas as coisas que se dizem sobre os italianos, são conversas, eles são fundamentalmente uns enganadores. Eles gostam de conversar, falar. Também nos períodos, digamos, mais significativos: nos anos 70 na Itália foram realizadas efetivamente mais de 500 mil ações. Dessas 500 mil que foram feitas ninguém falou, por isso poderiam ter sido feitas na Suécia, não na Itália, mas quando o italiano começa a falar não para mais. Deveriam deixar de falar. Infelizmente, falam.

-Acredita que exista um potencial para a luta anarquista insurrecional nesta região [sul do planeta]?

Eu penso que esta parte do mundo é melhor que a Europa.

-E por qual motivo?

Primeiro de tudo por uma questão de coração. Vocês são pessoas diferentes, são menos velhos, são mais jovens. Mais amantes da vida. A Europa é um continente antigo, muito sufocante. Muita conversa, muitos sofismas, muitas tradições, muito conhecimento,

muita Grécia, muita Roma. Essas porcarias são muito sufocantes. Muita filosofia. Hegel demais. Mas vocês também têm alguns pesos para se libertar. Muitas estruturas armadas clássicas pesadas no passado, que ainda carregam um certo peso, um certo significado, ainda persistem. Ter ideias precisas sobre certos problemas e certos limites não é ruim. Isso é difícil para mim. Na Itália esse é um fato muito explícito, não há problema. Aqui talvez ainda possa haver um problema. Um discurso sobre os limites do outro demônio. Não o primeiro, mas o segundo, talvez não fosse ruim. Estou sugerindo um aprofundamento sobre um problema de vocês, que somente vocês podem resolver. A mística da clandestinidade das organizações armadas. Esse é um grande problema, que não existe mais na Itália.

-Existe uma mitologia de que essa seja "a luta"?

Não "a luta". Que é uma luta importante sem a qual não se pode fazer muitas coisas; como se fosse uma espécie de tutela, de garantia para fazer outras coisas. Não é assim. Não estou de acordo.

-E a Grécia?

Grécia é um ponto de interrogação. Mas até um certo ponto, porque não existem interesses norte-americanos. Eles não têm interesse em fazer voltar os poderes fortes na Grécia. Quando terminar o dinheiro dos armadores gregos que são muito mas muito ricos, estão entre os mais ricos do mundo, a direita desaparecerá, a extrema direita dos nazis. Logo, se haverá uma reestruturação capitalista na Grécia a níveis europeus é muito difícil, pois o país não está no nível europeu, é uma estrutura baseada na burguesia média, ou seja, há uma distância entre esses enormemente ricos e o resto, existe uma enorme brecha. Falta industria, falta agricultura industrial. Em um país com 11 milhões de habitantes, onde a maioria, 5 milhões, vive em Atenas, uma cidade caótica, eles se viram mais ou menos. Se não vivem às custas do Estado, não têm atividades industriais. As áreas industriais gregas, no nordeste, onde

está Tessalônica, é bastaste pequena para sustentar 11 milhões de pessoas. Então nunca poderá estar a nível de Europa, a nível de Alemanha ou França. Portanto sempre haverá problemas, mas não irresolúveis. Não como para declarar um processo insurrecional. Ademais, não podemos esquecer que a Grécia suportou muito, quando se fala de Grécia, porque sim, são pessoas combativas, da experiência, da resistência mais velha, da resistência mais recente, mas estão um pouco cansados de tudo isso. Os jovens certamente. É importante saber que, pouco antes do início da ditadura em 69, dois navios cheios de jovens da pequena burguesia grega iam estudar na Itália... muitas famílias mandam seus filhos para estudar na Itália, todos estudando farmacêutica, pois lá não existe esse curso, 50% dos médicos estudam na Itália. Alguns também na França, na Inglaterra, aqueles que podem pagar. Esses mil ou dois mil jovens, depois retornados à Grécia, eram um elemento das ideias européias levadas para a Grécia. Hoje isso não acontece, porque é na internet que a comunicação é mais direta. Mas é uma questão de discurso, não de experiências práticas.

-Qual é a fraqueza e a força do movimento anarquista grego?

A força, para mim, é a grande quantidade de companheiros que se anima para sair às ruas. E a fraqueza é a grande quantidade de variantes que existem… são 100 mil, tem 100 mil que pensam de maneira diferente. Cada um pensa ao seu modo. E juntar dois, não digo que pensem da mesma maneira, mas parecidos, é um esforço considerável. Esta é um pouco a fraqueza. Cada companheiro grego não busca, não digo de não aceitar a ideia do outro, mas de se aproximar um pouco, para tentar fazer qualquer coisa juntos. Porque se não, cada um fica senhor de sua própria cabeça e fica somente em sua cabeça.

EDIÇÕES INSURRECTAS
2020